

# HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE ALUNOS LGBTQ +: ANÁLISES SOB O VIÉS DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

*LIFE STORIES AND EDUCATION OF LGBTQ + STUDENTS: ANALYSIS  
FROM THE PERSPECTIVE OF DISCURSIVE SEMIOTICS*

**Nilsandra Martins de CASTRO**  
Faculdade Católica Dom Orione  
[nillsandra@gmail.com](mailto:nillsandra@gmail.com)

**Resumo:** O propósito do presente estudo foi o de refletir sobre as narrativas de acadêmicos LGBTQ+ da UFT com relação a suas histórias de in/exclusão ao longo de seu processo de escolarização. Partimos do pressuposto de que entender suas histórias de vida e de formação nos ajudará a dar mais visibilidade e compreensão acerca do trato/respeito/aceitação a propósito das hostilidades sofridas em suas trajetórias de vida. Para tanto os dados foram gerados a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas no primeiro semestre de 2015. A pesquisa ora delineada é de abordagem qualitativa, de natureza interdisciplinar e de método investigativo de história oral, sendo a semiótica uma de suas vertentes, a sociosemiótica, empregadas como subsidio teórico para a análise dos relatos. Nessa perspectiva, interessou-nos os sentidos que os sujeitos atribuem a sua experiência, levando-se em conta como o fazem ao narrar o vivido. Com esse trabalho, pudemos perceber que o apelo a educação deve ser uma máxima prioritária, é dela que advém a esperança de dias mais progressistas em dimensões mais libertadora da consciência humana.

**Palavras-chave:** Sociosemiótica. História de vida. Acadêmicos LGBTQ +.

**Abstract:** The purpose of the present study was to reflect on the narratives of UFT LGBTQ+ academics regarding their stories of in/exclusion throughout their schooling process. We start from the assumption that understanding their life and education histories will help us to give more visibility and comprehension about the treatment/respect/acceptance regarding the hostilities suffered in their life trajectories. For this, the data were generated from semi-structured interviews carried out in the first semester of 2015. The research outlined here is of a qualitative approach, of an interdisciplinary nature and of an investigative method of oral history, with semiotics being one of its aspects, the sociosemiotic, employed as theoretical support for the analysis of the reports. In this perspective, we were interested in the meanings that the subjects attribute to their experience, considering how they do it when narrating the experience. With this work, we were able to realize that the call to education must be a top priority, it is from it that the hope of more progressive days in more liberating dimensions of human conscience arises.

**Keywords:** Sociosemiotics. Life's history. LGBTQ + academics.

## 1. Introdução

O presente texto resulta de reflexões advindas de uma pesquisa maior, nossa tese de doutorado, que muitas vezes transitaram mais na opacidade e nas inquietações do que nas certezas. No entanto, conforme dissera Eric Landowski (2012), como pede qualquer texto, efeito de longo processo, é necessário que seja finalmente apresentado, nomeando-se, mostrando-se, dizendo do que se ocupa, enunciando-se como um produto coeso e acabado, que ilude na sua linearidade: “na falta disso, ele escolhe, então, um título para si: do que o senhor falará?” (LANDOWSKI, 2012, p.9). Em nosso caso, trata-se de discutir identidades de gênero, mais especificamente, das identidades que emergem das histórias de vida dos acadêmicos homossexuais da Universidade Federal do Tocantins (UFT), que foram nossos interlocutores nesse processo de compreensão das resistências, silenciamentos, violências, conflitos, confrontos e afetos que cercam a sexualidade, o corpo, o gênero.

Desse modo, a história de vida, **uma técnica** de investigação autobiográfica por excelência, nos auxiliou na compreensão de como os sujeitos da pesquisa constroem sentidos dentro de uma situação discursiva localizada em um tempo e espaço específicos. Traçar um panorama dessas histórias é algo convidativo para os estudos semióticos da linguagem, uma vez que compreendemos que, durante o percurso de vida, os entrevistados tiveram contato com diferentes domínios sociais, o que contribuem para a constante ressignificação dos sentidos de si mesmos e da vida.

De outro modo, essa é uma temática que exige “o olhar comprometido” (LANDOWSKI, 2001), pois diz o autor, não basta para a semiótica compreender *a priori* comportamentos, estratégias, discursos que saltam a nossos olhos, muito menos fazer emergir o sentido de nossos próprios sentidos alicerçados em histórias que estão acontecendo. Para além dessas manifestações, Landowski (2001, p. 25-26) nos chama a atenção, sobretudo, para se “tentar compreender, num segundo grau, o que faz com que compreendamos de tal maneira, e não de outra, o que compreendemos”. Entendemos que o olhar comprometido e engajamento de que trata o autor é aquele que nos colocará como responsáveis pelo dizer e o como dizer, que, certamente, ocasionará efeitos de sentidos a nossa volta e em nossas práticas.

Nesse sentido, Silva L. (2017, p. 1) acredita e assume a semiótica enquanto compromissada com o mundo “o que, no nosso caso, se traduziria em buscar compreender o que faz com que os sentidos sejam lidos numa dada direção, num dado momento”. Sabemos que discurso é prática social (FOUCAULT, 2014). Nessa lógica, os sujeitos se posicionam, muitas vezes, através de olhares ideologicamente redutores e preconceituosas que teimam em desautorizar e diminuir as vivências e direitos do semelhante, no entanto, possibilitar o contradiscurso é também uma maneira de atuar, de engajar-se.

A opção pelo grupo específico justifica-se pelo maior comprometimento com essa problemática e mesmo militância política por parte dos sujeitos da pesquisa. No presente trabalho, o objetivo geral foi analisar narrativas de acadêmicos homossexuais da UFT com relação a suas histórias de in/exclusão ao longo de seu processo de escolarização, aqui, especificamente sob um viés identitário advindo da sociossemiótica. Visamos poder contribuir para possíveis mudanças nas políticas educacionais com vistas ao respeito para com as diferentes orientações sexuais.

Embora haja garantias constitucionais que preservem o respeito às identidades de gênero, a legislação do país não parece produzir os esperados efeitos no campo do amparo e da proteção à comunidade LGBTT. Em cada história de vida ouvida pudemos sentir a dor daqueles que nos contavam suas trajetórias, sofrimentos, segregações, angústias, humilhações, medos, que implicavam a (re)construção de si. Por outro lado, também pudemos sentir o brilho e a alegria daqueles que, por motivos específicos, tiveram o respeito e o amparo da família e dos amigos ao assumirem suas identidades de gênero.

## 2. O semiótico e o “olhar comprometido”

O semiótico, “partindo de uma língua e de uma cultura que supõe o “todo”, a regra, a unidade, ele deve, no entanto, em seu ofício, lidar com a parte e o fragmento, enfrentar a aparente falta de sentido” (FONTANILLE, 2015, p. 11). Ou seja, procura significar o que não está dado, os aparentes não ditos, os silenciamentos e assim comprometer-se com uma ética da leitura (LANDOWSKI, 2001). É nesse ponto que o semiótico se encontra, na aparente procura do significado, dos gestos, a distância mantida, “é porque ele preenche não só uma função de signo numa perspectiva comunicacional, mas porque tem ao mesmo tempo valor de ato: ato de geração de sentido, e, por isso mesmo, ato de presentificação” (LANDOWSKI, 2012, p. 10). Presentificação incentivadora para compreensão de construções de enunciados que se instauram nos discursos, em narrativas orais por meio de posicionamentos ideológicos sociais e historicamente marcados, uma vez que mantém relações intrínsecas de natureza fenomenológica.

Nesse sentido, a narrativa oral passa a ecoar significados relevantes para o pesquisador, mesmo sendo o sujeito que conta passível de equívocos, pois são recortes de memória, a incompletudo é uma marca.

A história de vida tem se mostrando, cada dia mais, um campo fértil e necessário, seu uso demanda atenção, pois são histórias de sujeitos reais que se permitem rememorar sobre suas vivências, muitas delas, traumáticas, como é o caso de alguns sujeitos de pesquisa quando recontam experiências de negação ou preconceito sofridos na escola, em casa, ou em momentos de lazer. Em suas memórias, são muitas as vozes que ecoam, pois não é somente uma experiência isolada, são milhares os casos de agressões, injúrias verbais sofridas pelos sujeitos de pesquisa aqui eleitos.

Indubitavelmente, com o recrudescimento dos ideais tidos como “tradicionais” ressuscitados com o golpe contra a democracia brasileira em 2016, as manifestações de ódio e intolerância assomam sem pudor nas redes sociais e tornam possível compreender por que uma mostra de arte do *Queermuseu* encontrou resistência dos grupos conservadores a ponto de que o banco que a abrigava decidisse pelo fechamento da exposição, conforme reportagem de Tavares e Amarin,

As ameaças às obras e à integridade física de funcionários do Santander não se limitaram ao virtual. Fontes do banco afirmam que ao menos três diretores foram ameaçados de morte, por telefone e telegrama. Houve ao menos um caso de agressão física a um funcionário de agência em Porto Alegre. Alguns outros, por medo, entraram com mandado de segurança

para não trabalhar. Dezenas de agências foram pichadas e apedrejadas em todo o país. Essas ameaças foram, segundo essas fontes, a razão da decisão de encerrar a exposição antes da data prevista, que seria no dia 8 de outubro. O Santander não confirma esses detalhes. [...] O promotor Julio Almeida, da Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre, também disse que passou a receber notificações sobre o conteúdo da exposição no domingo. Na segunda-feira, dia 11, o promotor visitou o Santander Cultural. “Não houve o crime de pedofilia”, diz o promotor. “Foi a primeira vez em 23 anos de Ministério Público que eu deparo com questionamentos sobre exposições em museu”<sup>1</sup>. (TAVARES; AMORIM, 2017, p. 1),

O artigo 5º da Constituição Federal (1988), que trata dos direitos e garantias fundamentais proclama: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Embora vejamos esses direitos garantidos pela Constituição, entre diversos outros documentos, presenciemos no dia a dia e nos telejornais atitudes de discriminação, marginalização e modos violentos em relação a grupos minoritários, dentre os quais se encontram o grupo que selecionamos para nossa pesquisa.

No contexto de intolerância crescente no país, atos de violência física e simbólica como os gerados por uma exposição *queer* revelam a distância entre o que reza o texto legal e as práticas sociais que se alicerçam sob um padrão de “normalidade” para a família, a sexualidade e o afeto.

A diferença é fator inerente a todas as pessoas, “nossos apelos em relação aos nossos interesses comuns como humanos não valerão nada a menos que ao mesmo tempo aprendamos a viver com a diferença” (MOITA LOPES, 2003, p. 34).

### 3. Identidades em sociosemiótica: o “outro é também parte de mim”

O semioticista se encontra, na aparente procura do significado, dos gestos, a distância mantida, “é porque ele preenche não só uma função de signo numa perspectiva comunicacional, mas porque tem ao mesmo tempo valor de ato: ato de geração de sentido, e, por isso mesmo, ato de presentificação” (LANDOWSKI, 2012, p. 10). Presentificação incentivadora para compreensão de construções de enunciados que se instauram nos discursos, por meio de posicionamentos ideológicos sociais e historicamente marcados, uma vez que mantém relações intrínsecas de natureza fenomenológica.

A visão acima descrita nos parece coincidir, ou mesmo complementar, o método investigativo de história oral. Nesse sentido, tomamos este método como norteador das análises que desenvolvemos neste estudo, uma vez que analisamos falas e discursos de alunos homossexuais da UFT. Portanto, a história de vida é instrumento basilar na construção discursiva que nos propusemos a construir e analisar à luz dos estudos semióticos da linguagem.

Landowski traz, nas tensões e conflitos vividos na metrópole, uma política de preservação identitária, segundo a qual todos poderiam ser bem vindos a França “de onde

1. Cf. <http://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html>. Acesso em 16 de set. 17.

quer que tenham vindo, desde que todos, por mais longínquo que seja o lugar de onde vieram, façam o mais rápido possível um esforço para tornar-se *como nós!*” (LANDOWSKI, 2002, p. 5-6). Fundamenta-se, portanto, na crença de uma essencialidade (o modo inequívoco de ser francês), na superioridade (para estar na França se deve agir como os franceses) e na homogeneidade (apagando as arestas da diferença e da alteridade). O outro e suas diferenças e exotividade só são aceitos e apreciados a distância, quando situados no espaço do lá, não no espaço do aqui. A partir dessas reflexões, Landowski sistematiza quatro regimes de interação, denominados como *assimilação, exclusão, admissão e segregação*.

Na primeira, *relação de assimilação*, temos a naturalização do essencialismo. Eu, benevolmente, estendo a mão na busca de transformar o outro em um igual; Landowski (2012) ironiza, a “diferença” do dessemelhante é puro acidente da natureza. Isto é, precisa ser corrigida por aqueles que fazem parte da “cultura superior”.

Essa visão assimiladora orienta a sociedade como um elemento natural, direcionando os modos de vidas e forjando consigo valores essencializados. Adrinne Rich (1980), discutindo sobre a heterossexualidade compulsória, diz que as mulheres são levadas de diversas formas, e por diferentes canais, a acharem sentido no casamento entre homem e mulher. É a assimilação posta em prática, e assim prevê apenas como normal a heterossexualidade. Fugir a essa lógica reprodutiva é ir contra a fé, a família, os bons costumes, a sociedade.

A segunda relação instaurada por Landowski (2012) é a *relação de exclusão*, esta, aparece frequentemente nos dados por nós gerados, Natan, nosso sujeito de pesquisa, povoa sua narrativa com lembranças da escola primária, o que nos sugere um valor epistêmico, pois são lembranças, ao que nos parece, bem presentes na memória do sujeito<sup>2</sup>, em que retrata a exclusão sentida pelos colegas de sala e pelo silenciamentos por parte dos professores, diz ele:

### **Excerto 1**

*Eu acho que os professores poderiam ter me ajudado mais, muito mais. Tipo, porque as vezes eu sentia falta de alguém que pudesse me ajudar ali na educação, que pudesse ali me dar um suporte. ...não só eu, mas outros homossexuais que tinham lá na minha sala, que eu conheço, hoje somos amigos e a gente conversa sobre isso. Que poderiam, tipo, ter falado em algum momento da zoação em sala de aula, que rolava muito: boiolinha, o mão quebrada, o baitola, são nomes pejorativos que eles usavam e que as vezes os professores podiam falar, para com isso, a gente tem que respeitar os outros do jeito que ele é. (NATAN)*

Natan narra, neste excerto, eventos corriqueiros de sua vida na escola, que sugerem, marcadamente, uma relação de exclusão gerada pela estaticidade de ação por parte dos professores. Ao que podemos depreender, no imaginário de Natan fala, o sujeito professor é dotado de uma competência, ou seja, o saber e o poder fazer. O saber, pois este poderia dar-lhe o suporte aconselhando-o, conversando. Já quanto ao poder fazer, o professor poderia repreender os colegas que se manifestavam grosseiramente para com ele e os colegas. No

---

2. No total, entrevistamos 7 acadêmicos/ acadêmicas, aos quais, por questões éticas, nos referimos mediante o emprego de pseudônimos.

entanto, há um não querer por parte do professor, ou quem sabe, um não saber ignorado por Natan, o fato é que o objeto valor almejado por Natan que seria a proteção, o diálogo, a correção dos colegas, não se realiza, conseqüentemente, o resultado é a frustração sentida por Natan e os colegas que viviam na mesma condição.

No terceiro regime pensando por Landowski (2012), o da admissão, as diferenças continuam a existir entre identidade e alteridade, porém, estas convivem de modo pacífico, “ser “diferente” não significa, necessariamente, que seja no absoluto, mas que sua diferença é função do ponto de vista que se adota” (LANDOWSKI, 2012, p. 14). Nesta perspectiva, é possível haver a convivência pacífica, a integração, sem, porém, perder-se de todo a identidade, a singularidade é mantida.

A admissão intui a não disjunção entre os sujeitos, nela, é possível se estabelecer um laço de aceitação, favorecido pela aproximação entre identidade e alteridade. A relação, nesse aspecto, é de reconhecimento, não há tensão, embora cada lado tenha que manter, em certa medida, uma resistência para que não incorra na homogeneização identitária,

Ao favorecer por princípio a aproximação entre identidades distintas, isto é, orientando-se globalmente no sentido de um movimento centrípeto, ela também contém o princípio contrário, aquele de uma resistência aos efeitos derradeiros desse movimento – à laminação das diferenças, à redução do múltiplo e do diverso ao uno e ao uniforme (LANDOWSKI, 2012, p. 21).

A resistência pensada pelo semioticista acima, pode ser traduzida como favorável à manutenção da diferença, sua observância se coloca como central para pensarmos as relações identitárias da comunidade LGBTT. Admitir uma identidade coletiva, e reconhecidamente composta por sujeitos de direitos é possibilitar um maior espaço de participação social, política e econômica para esta comunidade. É central a afirmação da identidade para os grupos minoritários, seus sentidos ajudam a refletir sobre a resistência e o não endosso há políticas de apagamento, pois o estado se coloca como aquele definidor de uma identidade superior e a quem todos os sujeitos devem buscar adesão.

Um marco favorável na luta pela legitimação e promoção do reforço a identidade LGBTT foi a criação, em 1995, da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis – ABGLT, sendo esta considerada a maior da América Latina. Em sua pauta diária estão ações a nível legislativo e judicial, no combate à discriminação e violência contra a população LGBTT, traduzida por campanhas de sensibilização junto a políticos e a população. Contudo, embora este seja um elemento de resistência e afirmação identitária na luta por direitos, muitas outras ações políticas precisam ser empreendidas para que haja abalos nos fundamentos sociais e educacionais.

Sob esse prisma, destacamos as memórias de Natan acerca da relação conjuntiva que conseguiu estabelecer com o pai, e assim, este se mostra compreensivo em relação a orientação sexual do filho,



## Excerto 2

*(...) Mas o meu pai não, meu pai já é mais tranquilo, por incrível que pareça, meu pai fala, - usa camisinha, eu te vi com um menino... eu acho que aquele menino é teu namorado, tipo, o meu pai é mais tranquilo. (NATAN)*

Aqui temos, então, a pressuposição de uma conjunção passiva, gesto de “amor” entre eu e o outro, supostamente advindas de um equilíbrio estável na relação. É atualizado na memória de Natan a visão androcêntrica de mundo quando afirma, (...) **por incrível que pareça, meu pai fala** (...), a ordem social ratifica as divisões entre os sexos, ao homem é vedada determinadas atitudes ou reações, subjetivamente vamos incorporando determinados valores e modos de apreender o mundo, estes acabam sendo princípios de visão que demarcam espaços na sociedade e criam diferenças de modo negativo e que, por isso, levam a segregações ou exclusões do meio social.

Dessa maneira, pode-se considerar a resistência como base necessária para se manter uma relação de equilíbrio diante do outro, o sujeito se colocando como parte do processo, e não simplesmente o que aceita as projeções discursivas advindas do outro – sociedade, família, igreja, escola, entre outras instancias.

Por outro lado, na segregação, último regime descrito por Landowski (2012), temos a negação total dessa singularidade, embora a exclusão não se dê em definitivo, a estes são reservados espaços, modos de viver administrados, é o caso da polêmica acerca de homossexuais no exército americano,

Ao declarar que homossexuais lá podiam ser admitidos, contanto que não dissessem que o eram, pois isso corresponderia a anunciar que teriam a intenção de praticar atos homossexuais, os responsáveis militares deram uma definição da homossexualidade que dá à declaração de si uma importância considerável. Dizer “sou homossexual” teria por significação “tenho a intenção de praticar atos homossexuais (ERIBON, 2008, p. 69)

Para o exército americano, o dizer, é, de fato, um fazer. A enunciação da identidade homossexual traria ações previamente pensadas e, logo, sancionadas. Nesse caso, reconhece-se a identidade, porém, a interdição, o silenciamento é o único caminho possível para que haja a convivência.

Landowski chama a atenção para os efeitos da dissimulação em torno da segregação, que, a depender, pode nos parecer mais branda, ou não,

Embora haja modos e modos de se separar e de “segregar” e uns possam parecer-nos mais inofensivos, outros francamente bárbaros (pois todos os graus são possíveis, entre, por exemplo, o fato, “anódino”, de esnobar seu vizinho fazendo-o sentir gentilmente que, por alguma razão, ele não poderia fazer parte do círculo dos íntimos, e aquele considerado “desumano”, de delimitar, pela lei ou pelo costume, zonas geográficas, profissionais, ou outras reservadas a esta ou àquela classe de párias) (LANDOWSKI, 2012, p. 17).

Em outras palavras, são diversas as possibilidades de segregação, sendo, no entanto, também diversos os modos de aplicação que podem incorrer em práticas mais brandas ou não. O autor comenta que o grupo dominante sabe que existem benefícios que se podem extrair do segregado, seja como forma de mão de obra ou de outra ordem. Segregar, então, não é equivalência da aceitação, da espontaneidade, mas uma forma de conveniência.

Há na segregação uma repulsa pelas misturas entre polos considerados distintos, “as atitudes segregativas têm, de fato, por princípio, ficar, se é que se pode falar assim, *menos* disjuntivas do que seria possível em teoria, ou mesmo na prática” (LANDOWSKI, 2012, p. 17). Sob um outro aspecto, podemos dizer que a exclusão não se dá de modo absoluto, total, há um “estar-se juntos”, porém, com muitas ressalvas, modos mais ou menos sutis ou mais ou menos vis de se apresentarem. Ademais, é possível observar os mecanismos da segregação na memória de Natan, ao rememorar uma passagem da escola e dos professores:

### Excerto 3

*(...) mas os outros homossexuais que tinham lá na minha sala, que eu conheço, hoje nós somos amigos e a gente conversa sobre isso...que poderiam [os professores] ter falado em algum momento da zoação em sala de aula, que rolava muito...boiolinha, o mão quebrada, o baitola – são os nomes pejorativos que eles usavam e que as vezes os professores podiam falar, para com isso, a gente tem que saber respeitar os outros do jeito que ele é. (NATAN)*

Paradoxalmente na segregação há um viver conjunto a despeito da diferença, nesse caso, há a segregação que se mostra mais branda e outras, a exemplo do ‘apartheid’, que refletem o gueto (LANDOWSKI, 2012). No caso das memórias de Natan, a relação de alteridade vivida em sala de aula determinava as separações, existia o grupo estigmatizado, aquele reconhecidamente diferente dos ditos “normais”, os sujeitos enunciativos fazem uso de elementos da figurativização – baitola, mão quebrada, boiola – no intento de os enunciativos se crerem como diferentes, àqueles que romperam com o pacto fiduciário e devem, por esse motivo, serem segregados, serão os que viverão a margem, não poderão compor o grupo dos ditos “normais”.

A segregação carrega em si, de modo profundo, a dualidade “que tentamos caracterizar entre *impossibilidade de assimilar* – e, portanto, de tratar o Outro realmente “como todo mundo” – e a *recusa de excluir* (no sentido estrito) (LANDOWSKI, 2012, p. 17). Ou seja, embora o eu rejeite o que o Outro é, não posso negar, de todo, que este não seja uma parte de mim, um elo que nos prende e que não permite que a separação seja total. Diferentemente da admissão, que vê no outro uma comunhão de sentidos, de ideias e que seguramente pode-se estabelecer uma relação de troca conjunta.

De outro modo, o autor nos dá uma clara contribuição, pois nos aponta um caminho que não só o da exclusão, assimilação, admissão ou segregação, mas a possibilidade de um ajustamento, em que o sujeito se descobre a si mesmo na relação com outro; ao contrário de olhar para o que está fora, este passa a ter necessidade de pensar a si pela relação com o outro, adotando, então, uma atitude de não certeza sobre o mundo, que só é possível



quando passamos a entender que o outro é também parte de mim, parte de um universo possível e real do que sou.

Desse modo, passo a reconhecer que tenho necessidade do outro, pois me constituo nele também, é um princípio de cooperação. Não há negatização neste ato, a oposição em relação ao outro não é operada para favorecer uma posição de status ou superioridade em relação ao outro, mas de reconhecimento em termos de ajustamento. Ajustar não é a adequação unilateral entre sujeitos, mas, antes, entender que ele é tão sujeito de direitos quanto eu, pleno em sua consciência e em suas decisões, há, portanto, uma reciprocidade nas ações (LANDOWSKI, 2014).

É nesse aspecto que notamos contribuição em discutir sobre identidades no presente trabalho, pois devemos elaborar contra discursos que favoreçam o repensar das relações e ações dos sujeitos, suas estratégias de manipulações discursivas e identitárias na busca pelo ajustamento, pelo respeito e por uma consciência plena de que o outro também pode ser eu, a diferença notadamente está na ótica de quem a coloca.

#### **4. Considerações final**

O presente trabalho, como já dito, é um recorte de um trabalho maior. Nele buscamos refletir sobre as narrativas de acadêmicos homossexuais da UFT com relação a suas histórias de in/exclusão ao longo de seu processo de escolarização, aqui, especificamente sob um viés identitário advindo da sociosemiótica.

Acreditamos que esse cenário conflitivo no qual nos embrenhamos é complexo por demais, e que as perspectivas que aqui assumimos configuram-se apenas como um olhar possível dentre vários. No entanto, é necessário que haja o enfrentamento das múltiplas formas de violências e dos despropósitos vinculados a mecânica de poder instituídas na sociedade e que inegavelmente perpetuam marginalizações, especialmente pelo viés enunciativo. (Re)significar valores, discursos que propaguem o respeito a vida é uma questão urgente para a saúde pública.

A cada memória analisada, vislumbramos como a vida em sociedade pode ser díspar, com significativas contradições em termos de direitos e acessos, especialmente o artigo 5º da Constituição de 1988 que assegura a igualdade de todos diante da lei. O referido dispositivo parece contido em sua eficácia, sobretudo aos grupos vulneráveis, e nesse caso aqui, aos sujeitos pesquisados, acadêmicos homossexuais.

Os professores da escola básica, conforme representados nas memórias dos sujeitos pesquisados, se mostraram majoritariamente ancorados nos modelos hegemônicos em que predomina a heteronormatividade, para o qual contribui em grande parte a formação religiosa de matriz conservadora.

Com este recorte, pudemos perceber que o apelo a educação deve ser uma máxima prioritária, é dela que advém a esperança de dias mais progressistas em dimensões mais libertadora da consciência humana. Portanto, é a educação que pode gerar tensões mais humanistas, atrelada a conteúdos de ordem política e cultural que melhor dimensionem os sujeitos em suas diversas conduções de vida.

Por isso mesmo, esperamos dias pautados por uma maior consciência dos sujeitos do ponto de vista da admissão da diferença, o que implica em não somente perceber o outro, mas entrar em contato, aprender com ele, construir ao seu lado, vivenciando um regime de iguais em que seja instaurada a parceria, a co-presença sensível capaz de se traduzir em forma de ajustamento e reciprocidade.

## 5. Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4º ed. São Paulo: Ática, 2008.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LARA, Glaucia França; LIMBERT, Rita Pacheco. **Discurso de desigualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. “**Algumas reflexões sobre ódio e medo nos discursos intolerantes**”. 2016. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Imagens do outro: discursos da identidade e da alteridade. In: **II Congresso Nacional da ABRALIN**, 1999, Florianópolis. Caderno de Resumos, 1999. v. 1. p. 152-153.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Rumos da Semiótica. **Revista Todas as Letras**, v. 9, p. 12-23, 2007.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Preconceito e separatismo no discurso: um discurso separatista gaúcho**. Organon, 23, 1995.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução do Grupo Casa, sob coordenação de Ivã Carlos Lopes. Bauru: Edusc, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Ministério da Educação.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIN, José Luiz. Sobre a tipologia dos discursos. **Significação Revista Brasileira de Linguística**, Araraquara, v. 8/9, p. 91-98, 1990.

- FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. Tradução Jean Cristtus Portela. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- FONTANILLE, Jacques; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo, Contexto, 2008.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Lopes, Luis Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Humanitas, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GREIMAS, Algirdes Julien. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- GREIMAS, Algirdes Julien. **Sobre o sentido II**. Ensaios semióticos. Trad. Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdes Julien. **Da imperfeição**. 2 ed. São Paulo: Estação das Letras, 2017.
- GREIMAS, Algirdes Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- Grupo Gay da Bahia. **Relatório 2012: Assassinatos de homossexuais (LGBT) no Brasil**. Banco de Dados. Grupo Gay da Bahia. 2013.
- Grupo Gay da Bahia. **Relatório 2015: Assassinatos de LGBT NO Brasil**. Banco de Dados. Grupo Gay da Bahia. 2015. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/>. Acesso em: 19 de maio de 2021.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- LANDOWSKY, Eric. **Presenças do outro: ensaios sociosemióticos**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LANDOWSKY, Eric. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras, 2014.
- LANDOWSKY, Eric. **O olhar comprometido**. Revista Galáxia, nº 2, 2001.
- LANDOWSKY, Eric. Para uma semiótica sensível. **Revista Educação e Realidade**, v 30, n2, 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12417/7347>>. Acesso em 27 de mar. De 2018.
- LANDOWSKY, Eric. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galaxia**, São Paulo, Online, nº 27, jun, 2014. P. 10 a 20. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n27/02.pdf>> acesso em: 27 de mar. De 2018.
- LANDOWSKY, Eric. **La société réfléchie**. Paris, Seuil, 1989.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira. **Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação**, Estudos Feministas, Ano 9, 2º sem. 2001.

- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. [anais] Caxambu: ANPED, 2006. 1CD-ROM.
- LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: autêntica, 2004.
- MAHER, Terezinha Machado. Sendo Índio em Português. In: SIGNORINI I. (Org.). **Lingua(gem) e Identidade**: Elementos para uma Discussão no Campo Aplicado. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras; FAPESP; FAEP/UNICAMP, 1998, v. 1, p. 115-138.
- MAHER, Terezinha Machado. **Em busca de Conforto Linguístico e Metodológico no Acre Indígena**. Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP), v. 47, p. 409-428, 2008.
- MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: Conrado Moreira Mendes; Gláucia Muniz Proença Lara. (Org.). **Em torno do acontecimento**: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 141-162.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira. **Análise semiótica de mapas das eleições presidenciais de 2014: fraturas no discurso da identidade nacional**. *Revista do Gelne*, v. 19, p. 166-177, 2017.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira**; MELO, Márcio Araújo de. O que pode o leitor?. *EntreLetras* (Online), v. 6, p. 120-132, 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- TAVARES, Flávia; AMORIM, Daniele. De um post de um site local, a controvérsia sobre a mostra em Porto Alegre se converte num movimento de ameaças. *Época*. 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html>. Acesso em 16 de set. 2017.